

A ACOMPANHANTE

Personagem:

LUZIA

(Uma sala com uma cama e um pequeno guarda-roupa. Uma mulher magra, de meia-idade, vestida com uma indumentária de trazer por casa. Um vaso grande com uma planta. Em cima da cama encontram-se um embrulho do tamanho e do formato de um bebé, resguardado por uma manta, uma almofada, um pequeno cobertor, um caderno, um telemóvel e um carregador de telemóvel. Há também uma pequena mesa com uma aparelhagem de som, um tabuleiro, vários pacotes de chá, uma chávena e uma chaleira. No chão há uma caixa de costura improvisada a partir de uma lata de biscoitos. A lata está cheia de botões. Ao lado da cama há uma tábua de passar a ferro e um ferro de engomar. Há também uma balança de casa de banho.

A mulher pega no telemóvel e programa-o para que toque uma melodia que é um mio de gato. Chora. Volta a ativar o som configurado. Chora de novo. O telemóvel fica sem bateria. Chora. Grita o seu próprio

nome, em forma de reprimenda, impondo-se força, dando palmadas encorajadoras na cara e refrescando-se com água termal.)

Luzia. Luzia.

(Põe o telemóvel a carregar. Sacode o corpo. Faz flexões, enquanto as conta em voz alta, cada vez em maior esforço, mas sem desistir.)

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. *One, two, three, four, five, six, seven, eight, nine, ten. Uno, dos, tres, cuatro, cinco, seis, siete, ocho, nueve, diez.*

(Levanta-se, extenuada. Verifica o seu peso na balança.)

Se os homens não tivessem afrontado Deus, este não nos teria castigado por querermos ser do tamanho dele e hoje contaríamos todos até dez na mesma língua. Eu diria olá e toda a gente me compreenderia — até um chinês que nunca tivesse saído da China. Mergulharia no Tigre e viria à tona no Eufrates como um peixe com casa e rotinas aplacadas. Por causa da ganância dos homens, sei contar até dez em sete línguas. Os nossos antepassados armaram-se ao pingarelho antes de Cristo vir ao mundo e nós continuamos a pagar a fatura. É para o que servimos: pagar faturas. Não sei se Deus continua arreliado ou se se acomodou. Podia fazer as pazes connosco e voltar à estaca zero. Um só povo, uma só língua. Deus provocava um apagão cerebral coletivo e começávamos tudo do zero.

(Escutando.) Está a chover. Chove mesmo muito. Que bom que não chove em mim.

(Corre para a cama para se tapar com um pequeno cobertor enquanto ouve o barulho da chuva. Fica sentada, encostada a uma almofada. Pega num caderno, que, primeiro, folheia do princípio ao fim e depois, como num jogo, abre à sorte, lendo um nome.)

Tinoco Moura *(despertando a sua memória)*. Antiquado e sovina. Pagou-me um dia um gelado, a contragosto, e enquanto eu o comia ele mantinha-se a pelo menos dois metros de distância, com os olhos arregalados, como se a qualquer momento pudesse dar um passo de gigante na minha direção e engolir-me com as pálpebras. Insistia que os gelados tinham um pacto com o Diabo porque uma vizinha sua tinha morrido entalada com um, anos antes. Afirmava que tinha sido o Demónio, em forma de gelo, que lhe tinha apertado os gorgomilos de dentro para fora. Todos lhe diziam que estava enganado, que tinha sido má-sorte e uma congestão tudo junto e que nem Deus poderia ter-lhe valido se quisesse, mas ele insistiu sempre no Diabo. *(Pequena pausa.)* Nunca vi o Diabo, mas não vou com a cara dele, prefiro não abrir as goelas. O homem que viva a sua vida e me deixe comer gelados. É como dar um beijo a um morto. Refrescam-me os lábios.

(Pausa. Fita o embrulho ao seu lado na cama. Fica tristonha, mas recompõe-se, voltando à lista para procurar novo nome.)